



Ecologia e saúde

Sebastião Pinheiro

Quando pensamos em saúde, imediatamente, somos obrigados a pensar em um corpo. Observe-se que, também, figurativamente, usamos o termo "saúde política" ou "saúde econômica" em referência à saúde do governo (organismo). Consideramos o termo saúde subjetivo, substituí-lo por um outro que lhe desse abrangência objetiva, a fim de comparação, talvez o termo "equilíbrio" fosse mais furtivo. Equilíbrio de uma glândula, das glândulas, do órgão, do organismo e os organismos que compõem o corpo nos dá a sensação objetiva de saúde, ao contrário, e, ao mesmo tempo, fica evidente que desequilíbrio gera doenças ou vetores de doenças.

O que é ecologia? Segundo os dicionários: 1º) estudo das relações entre os seres vivos e o meio ambiente em que vivem, bem como as recíprocas influências; 2º) ecologia é também ou pode ser definida como, "estudo dos ecossistemas", ou ainda, 3º) "estudo do desenvolvimento das comunidades humanas em relação com o meio ambiente". Nas conceituações acima, vemos que o ser e o

ambiente estão interligados, individual e coletivamente, através da população, comunidade e, por conseguinte, da sociedade, logo uma alteração ambiental acarretará, obrigatoriamente, uma alteração sobre o indivíduo, a população, a comunidade, ou seja, sobre a saúde individual-comunitária de toda a sociedade.

Saúde do ambiente

Se alguém perguntasse se há relação entre saúde e erosão do solo, nós, prontamente, rememoraríamos a Grécia Democrática, onde a erosão do solo destruiu a agricultura, que levou à fome e decadência e, por fim, à destruição da cultura grega. Agora, se a colocação fosse se há relação entre saúde e tecnologia, retornaríamos ao Fértil Crescente, onde técnicas de irrigação, inadequadas a longo prazo, trouxeram a salinização do solo, que se transformou num imenso deserto (Iraque).

Por fim, apresentamos um exemplo

sobre a perda da saúde do indivíduo e suas conseqüências: "enquanto o solo da Primeira Democracia era levado para o mar, Fértil Crescente salinizado na primeira república (Roma), construiu-se a primeira cidade de mais de um milhão de habitantes, com, evidentemente, a maior cloaca do mundo. Os brilhantes engenheiros romanos levavam o lixo e os esgotos para dentro dos canais d'água aos subúrbios, e ao mesmo tempo, os cadáveres da plebe eram enterrados do lado de fora dos muros da cidade. Roma tornou-se uma metrópole fedorenta, assolada por pestes e, segundo um historiador, atingiu o mais baixo grau em instalações sanitárias e em higiene, nunca visto nas mais primitivas comunidades". Os romanos tiveram sua saúde destruída lenta e gradualmente através das gerações, por algo invisível, insípido, inodoro e, também, para a época imensurável. Ao descobrirem os efeitos nefastos do zinabre das vasilhas de cobre sobre a saúde humana, os cidadãos prudentes substituíram suas baixelas (taças, facas, pratos etc.) por peças de estanho, que trazia uma impureza em pequeníssimas quantidades, c

chumbo, que era solubilizado pela acidez dos alimentos e vinho romano. Esta contaminação (saturnismo) é apontada como uma das principais causas da decadência e destruição do Império Romano, através de seus sintomas típicos: irritação, estupidez, agressividade etc.

Ambiente da saúde

No século 14, o rei Eduardo 1º, devido ao ar de Londres no inverno ficar poluído pela fumaça das chaminés, por causa da inversão térmica, proibiu a queima de carvão mineral, que aquecia as residências mas empestava o ar da cidade. Os infratores de tal edito seriam condenados à morte. Isto ocorreu em 1322. Não foram os congelamentos e as decapitações que aniquilaram a corte ou a população, mas foi a falta de higiene que matou um terço da população europeia através das pestes. Estamos tratando de ecologia e saúde simultaneamente! Poderíamos restringir tudo a uma pequena frase: *ecologia e saúde estão direta e intimamente relacionadas*, pois uma é causa e a outra efeito, uma o organismo e a outra seu estado, sendo as inversas também válidas. Mas não podemos terminar aqui, faltam ainda alguns elementos nesta nossa relação de causa-efeito.

Ecologia, saúde e economia

Herman Daly em seu livro *A Economia do Século 21* após um pensamento de Chesterton: "Não há nada à frente a não ser a planície selvagem da padronização bolchevista ou capitalista, mas é estranho que alguns de nós tenham sanidade, ainda que fugaz, enquanto outros sigam em frente presos, eternamente, ao agigantamento sem liberdade e ao progresso sem esperança". Dentro desta ótica, muitos vêem a natureza, somente como um monte de recursos para consumo humano, ou "chauvinisticamente" como seu patrimônio intelectual; outros a tem como tema da moda.

Karl Marx disse: "Os recursos naturais são as condições da produção e são invariáveis". Crasso erro, como veremos adiante.

Em nossa evolução, a primeira revolução planetária se dá com o homem deixando de ser nômade, para ser sedentário (como são sábios nossos indígenas amazônicos, dada a fragilidade — saúde — de seu habitat). A segunda transformação é a revolução industrial. Quando o homem deixa os campos para ir trabalhar nas fábricas, aqui irão

exponenciar-se os problemas da poluição do ambiente e da saúde. Os gases nojentos das fábricas começaram a matar a natureza. Friedrich Engels diz: "Cruzando um rio, perto do afluente de uma fábrica, sobre uma ponte, vi a mais repugnante poça de lama de cujo fundo borbulhavam constantemente gases miasmáticos que vinham à superfície e tinham um fedor insuportável".

Com o crescimento do industrialismo, homem é natureza — ou saúde e ecologia — foram subjugados pela tecnologia, e por ela tratados subjetivamente, que, na época, usava um álibi pseudo-científico, conhecido como o Credo Baconiano, que reza: "O conhecimento científico é poder tecnológico sobre a natureza". Sob a égide deste pensamento é que se transmutou o capitalismo comercial em capitalismo industrial. Dentro do paradigma industrial, encontraremos desequilíbrios a serem definidos. Thomas Kuhn, no livro *A Estrutura das Revoluções Científicas*, diz: "A ciência normal consiste, principalmente, na resolução de charadas e no refinamento de modelos que se encaixam no paradigma compartilhado por todos os cientistas de uma determinada disciplina. Ainda mais, os estudantes da ciência são ensinados a aceitar o paradigma prevalecendo e, assim, seus trabalhos aderirão às mesmas regras, modelos e padrões assegurando, desta maneira, a construção cumulativa do conhecimento.

Assim, como só temos consciência da lente de nosso óculos, após termos problemas em enxergar claramente, também somos inconscientes do paradigma até que a claridade do pensamento científico se torne deformada pela anomalia. Mesmo sob pressão de fatos que não parecem se encaixar, os paradigmas não são facilmente abandonados. Se o fossem, não haveria coesão e a coerência necessárias para a formação de uma comunidade científica. Muitas anomalias são resolvidas dentro do paradigma e precisam ser, a fim de que o paradigma comande a fidelidade dos cientistas. Abandonar um paradigma em favor de outro é mudar a base inteira da comunidade intelectual entre os cientistas de uma disciplina. Por esta razão, Kuhn denomina tais mudanças de revoluções científicas. Descontínuo em relação ao anterior, um novo paradigma deve, primeiro, basear-se em seus próprios critérios para justificar-se, pois, muitas das questões que surgem e muitas das respostas que podem ser encontradas estão, provavelmente, ausentes no paradigma anterior. Até o mesmo debate racional entre os defensores de diferentes paradigmas é, normalmente, limitado; pois, "os proponentes de dois

paradigmas podem não concordar sobre o que é um problema e o que é uma solução..."

Existem hoje no planeta duas formas de sistema sócio-econômico: o capitalismo privado e o capitalismo de estado. Não há uma terceira opção! Ambos os sistemas se defrontam para crescer e aniquilar o antagonista, estão preparados tanto para o confronto planetário, que o equilíbrio impede, como para as escaramuças tipo Vietnã, Afeganistão, Líbano, Nicarágua, Líbia, que a pesquisa bélica estimula para seus testes.

O paradigma científico industrial transformou o bem *saúde/ambiente* em subjetivo e os industriais do hemisfério norte transformaram o resto do mundo em fornecedores de matéria-prima, e, ao mesmo tempo, mercado para os produtos manufaturados. Do livro *Ecologia para Principiantes*, de Croall e Rankin (1981), extraímos: "Em 1700 a capital de Bengala era rica, a agricultura diversificada e a economia próspera, o mesmo ocorria em toda a Índia, onde não havia miséria nem desajustes sociais, a cultura florescia exuberante. Um marinheiro comparou a capital de Bengala a Londres. Após cem anos de colonização britânica, um marinheiro francês descreveu sobre a Índia: 'A terra está arrasada, pela erosão, vêem-se desertos por toda parte por causa da monocultura do algodão, a miséria avassaladora, mendigos esmolam pelas ruas, a decadência é total...'"

Colonização/destruição da saúde/ambiente

Esta devastação individual, comunitária, social é fruto do imperialismo. Do ponto de vista higiênico-sanitário, podemos definir o imperialismo como a "transusão do sangue de uma sociedade dominada para a sociedade dominadora". É, portanto, óbvio que o imperialismo necessita que haja um desenvolvimento dependente na nação espoliada, que subsidie os custos de suas pesquisas tecnológicas da sede do império, como por exemplo: Plano Marshall, Aliança para o Progresso, Revolução Verde, Programa de Ajuda para o Desenvolvimento, Plano de Transferência Tecnológica etc., assim, quando um regionalista imperializado fala nas necessidades de industrialização neste ou naquele setor e é contestado pelo ambientalista, ou melhor, pelo sanitário da natureza, vemos dois monólogos que não formam um diálogo.

Marx enunciou: "A produção capitalista interrompe a circulação da matéria e o solo e impede que seja restituí-

do a este, os seus elementos". Cientificamente, Justus Von Liebig comprovou isto, mas o paradigma industrial impede que seja colocado ao alcance da agronomia, da agricultura e da economia. As consequências de uma economia submetida a interesses imperialistas dará origem à desnutrição/decadência da sociedade (população e recursos naturais). Quando o desequilíbrio aparece, como vem ocorrendo ultimamente no nosso país, surgem ou ressurgem epidemias há tanto erradicadas, como é o caso da febre amarela, da dengue, da malária, esquistossomose e da tripanosomíase etc., mergulhando o Brasil numa verdadeira época "medieval européia" em pleno século 21, que está por chegar.

Despertar para saúde/ambiente

Parece que saímos do "buraco negro" e avistamos, na imensidão do Universo, uma "estrela nova" que nasce, como um brilho fugaz, uma esperança.

Na Europa, trabalhadores comunistas poloneses resolvem fundar um sin-

dicato livre (Solidariedade); na Alemanha Ocidental, os dissidentes do industrialismo fundam um partido político e sacodem também a democracia do estado industrial; na França socialista o governo comete um ato de terrorismo contra um barco de uma entidade pacifista internacional "Green's Peace" matando um trabalhador; na Alemanha Oriental, Rudolf Bahro escreve um livro de Ecologia, é preso e, posteriormente, é vendido aos alemães ocidentais. Diante disto, podemos dizer que *ambiente-saúde (equilíbrio) é o que falta ao mundo.*

Brasil ambiente

Em nosso país, nos primórdios do modernismo literário, se disse: "muita saúva (formiga carregadeira) e pouca saúde os males do Brasil são". Muito formicida foi usado de balde. Poucos entenderam que saúva era uma referência à corrupção!

Hoje, nosso país possui uma reserva de mercado na área de Informática, protegendo computadores de 500 mil "bytes" enquanto que 30 milhões de

computadores de 500 trilhões de "bytes" (cérebro) perambulam pelas ruas desnutridos, abandonados, sem tuturo, sem reserva de mercado, uma verdadeira ironia! Recentemente, durante um debate técnico, uma acadêmica do curso de nutrição lançou a pergunta: "A quem pode interessar uma criança bem nutrida?".

Brasil saúde

O desequilíbrio traz a doença nacional, que para ser eliminada necessita do remédio *Assembléia Constituinte*, e não *Congresso Constituinte*, pois a diferença entre ambos está que o primeiro é formulado com "meios de contenção democrática do capital multinacional", sinergizado com uma reforma agrária ampla e total, para termos saúde e ambiente na plenitude de seus conceitos.

Sebastião Pinheiro integra a Associação Gaúcha de Proteção Ambiental (Agapan) e trabalha no Ministério da Agricultura.



LANÇAMENTOS DO CEDI

Pai nosso (Rubem Alves) - Co-edição com Edições Paulinas. Cz\$ 110,00

Um enfoque poético-teológico da figura do Pai. "O pai de olhos mansos só existe em nós como uma nostalgia, uma saudade, uma tristeza. Mansidão precisa voltar. E sabemos que ela é a dádiva de um olhar. E é por isto que Jesus nos ensinou a orar, chamando de volta o olhar manso, aquele que nos fará sorrir de novo: Pai nosso..."

Trabalhadores urbanos no Brasil/82-84, Aconteceu Especial 16, Cz\$ 70,00.

Levantamento dos principais fatos que marcaram a vida dos trabalhadores urbanos no Brasil, no período que abrange três anos: 1982, 1983 e 1984. Traz análises das conjunturas econômica, po-

lítica e sindical e um levantamento, na imprensa sindical e diária, dos principais acontecimentos de cada categoria profissional dos trabalhadores urbanos.

O caminho da escola — luta popular pela escola pública, Cadernos do CEDI 15, Cz\$ 50,00

Periferia: desafio à unidade, Cadernos do CEDI 16, Cz\$ 50,00

Dois novos lançamentos da série Cadernos do CEDI. O primeiro trata das lutas dos movimentos populares da Zona Leste da cidade de São Paulo pelo direito à educação. O segundo registra a experiência das igrejas Metodista, Episcopal e IECLB (luterana) na implantação de uma Pastoral Ecumênica de Periferia, no sul do país.

Faça seu pedido através de cheque nominal para o CEDI — Av. Higienópolis, 983 — CEP 01238 — São Paulo — SP